

## A POESIA E A CONSTRUÇÃO DO SER: ESTUDO QUALITATIVO NO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE E PÚBLICA DE NATAL - RN

Lydiane Fonseca de Carvalho  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A pesquisa *Educação e Literatura: as contribuições da poesia à formação do leitor de literatura* pretendia conhecer as contribuições da poesia para a formação do leitor, considerando o trabalho pedagógico realizado com esse gênero na sala de aula. A proposta tem sua origem na experiência como bolsista de iniciação científica (PIBIC) na linha de pesquisa *Educação Linguagem e Formação do Leitor*, do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), mais especificamente, durante as discussões da pesquisa em andamento **A multimodalidade na leitura do poema e do livro de poesia em aprendizes da escola fundamental (CNPq/ UFRN 2010)**. Nas discussões supracitadas, pôde-se observar a relevância do gênero poético para a formação do leitor.

Além do estudo junto ao grupo de pesquisa e da experiência na condição de bolsista de iniciação científica, evidenciamos ainda a atuação como professora de Língua portuguesa e Literatura, no ensino fundamental e médio (2005-2010), que revelou, em termos práticos, a necessidade de dedicar atenção ao trabalho pedagógico com a literatura infantil em sala de aula, principalmente no que se refere à poesia. Durante essa vivência, percebemos que os alunos sentem apreço por Literatura, porém apresentam, inicialmente, resistência à poesia, afirmando ser esse gênero incompreensível, difícil ou sem propósito. Essa percepção foi percebida por outra pesquisadora como Tavares (1997), que fez a mesma constatação, afirmando “a poesia e seu estudo são considerados pela maioria dos alunos algo ‘difícil’, sem sentido e até mesmo, ‘chato’” (TAVARES, 2007, p. 16)

Tal experiência como educadora, conduziu a pesquisadora à reflexão sobre a poesia na sala de aula como possibilitadora da formação do leitor de literatura. Diante da incessante busca em se formar leitores, em um país tão carente de leitura como o Brasil, educadores, pais e pesquisadores necessitam buscar sempre novas formas para atrair as crianças à leitura.

Enquanto a pesquisadora Tavares (2007) encontrou desinteresse, inicialmente, nos adolescentes por poesia, a dissertação *A criança como artesã de palavras: o trabalho com a poesia na Educação infância surge exatamente do inverso, em perceber que as crianças entre 5 e 6 anos não só gostam de poesia, como também, solicitavam nas rodas de leitura esse tipo de texto.*

A esse respeito, muito se tem discutido, porém poucas atitudes têm surtido efeito, partindo de como é vista a leitura pelo corpo docente, em especial a poesia, como um suporte para o ensino pragmático do programa a ser cumprido. Dessa forma, a maior parte desses profissionais que têm a responsabilidade de fazer um trabalho sistematizado com a leitura não o fazem.

Apesar dos poucos trabalhos direcionados aos estudos do poema com ênfase na reflexão sobre o conhecimento dos alunos, relatos de escritores revelam a presença da poesia como gênero relevante à formação de leitores. Segundo Pondé (1993), na infância, o gênero com o qual a criança primeiro tem contato é o poético, pois desde as cantigas de ninar às canções folclóricas, ela já é embalada pela poesia.

Essa forte relação entre infância e poesia, de acordo com Paz (1972), dá-se devido à estrutura do gênero não se apresentar linearmente e sim em forma de espiral, o que contribui na identificação da criança com o gênero. Diferentemente da narrativa, que apresenta, geralmente, uma sequência: começo, meio e fim.

Conforme Gebara (2002), o gênero poético ainda possibilita o aprimoramento da linguagem, dentro das possibilidades viabilizadas pela estrutura que o texto poético oferece: melodia, métrica, alternância tônicas e átonas, pontuação, etc. Deve-se considerar também, a afirmação dessa autora de que a língua dá uma nova roupagem ao velho, moldando-a de forma a torná-la inaugural.

Nessa perspectiva, a poesia possibilita o trabalho lúdico com a língua, na medida em que apresenta o jogo com as palavras e sons. “A poesia pode ser um meio lúdico para se brincar com a língua, para trabalhar com o imaginário da criança e para desenvolver-lhes a criatividade, principalmente, o prazer estético.” (BURLAMAQUE, 2006, p. 89). Com base nessas possibilidades, questionamo-nos: se e a criança “brinca com de bola papagaio e pião”, por que não com palavras?

Se esse gênero é tão frequente, inicialmente, no cotidiano infantil, indagamo-nos: A poesia é explorada sistematicamente no contexto escolar? Segundo Amarilha (2009), Alves (2005) e Bordini (1991), Debus (2006) há pouco uso do poema na escola. A primeira autora afirma que, na maior parte das vezes, sua prática se restringe às datas comemorativas. Enquanto a segunda alega que o poema, quando não é usado na situação anteriormente mencionada, é empregado na forma de alienação, na tentativa de transferir valores de “conduta pessoal ou cívica”, ela considera esse procedimento como “pseudopoesia pedagógica”. A terceira comenta que a poesia aparece na escola com “com data e hora

marcada” causando apreensão e medo do erro, quando os alunos são obrigados a declamar poesia ou fazer leitura para a turma.

Na direção dessas constatações, partimos da compreensão do poema como arte possibilitadora da humanização do homem “coisificado”, tornando-o sensível e crítico. Já que se compreende “como próprio papel da arte desenvolver a personalidade humana.” (AVERBUCK, 1993, p. 66)

Com as sessões e as entrevistas percebemos que os alunos se identificaram bastante com o ritmo dos poemas que Pound (2003) considera como melopéia. O ritmo é a criatividade com que o poeta usa as palavras consonante com seus significados em que o sentido é proposto pelo escritor explorar a sonoridade em distribuição regular dos sons. Na poesia, o ritmo tem de ter relação semântica, se não for assim, não se trata de poesia.

É relevante considerar que o ritmo poético não ocorre apenas por divisão de sílabas dos versos e estrofes, porém, por toda constituição do texto. Dessa forma, o ritmo não existe apenas na composição, nas regras fixas. Mas, sim, pelo poder do poeta de conduzir o leitor pelo poema, de forma que, as palavras “pulsem” na mesma intensidade de sua significação (PAIXÃO, 1991).

A experiência vivenciada na última sessão, *Vinicius Ensina O Ritmo às Crianças*, a prática da onomatopéia “tic-tac” durante a leitura e o ritmo que causamos em nossa prosódia foi para alguns alunos uma grande experiência não apenas linguística, mas principalmente sensorial. Durante a leitura da pesquisadora, ao passo que era lido o poema e o repetido o “tic-tac”, eles movimentavam a cabeça de um lado para o outro como o movimento do pêndulo do relógio e continuavam repedindo a onomatopéia.

Sabemos que “o ritmo é o que possibilita o acompanhamento musical ao que é lido ou ouvido. Dado pelos olhos que vão seguindo linhas e linhas, dada pela voz que fala, pelo corpo que se move junto, segundo o compasso dos versos.” (ABRAMOVICH, 1983, p. 72). Esse poema os fez vivenciar corporalmente o movimento do pêndulo do relógio. Outros relatos reafirmam a ideia.

**P. P.:** O que vocês sentiram quando eu estava lendo o poema?

**Gabriele:** Senti um ritmo muito bom.

**Rayane:** Senti o tic-tac.

(Fonte: 8ª sessão – texto O relógio. Anexo L)

Acreditamos que “sentir o tic-tac” é a expressão da incorporação total da melodia do poema. A mesma garota exteriorizou sua identificação com o texto, como segue, quando desejou permanecer com o texto para si. Realmente essa aluna almejava continuar sua leitura fora dos muros da escola, seu interesse não era pelo objeto livro, mas pela poesia, pois essa

foi a única sessão em que os alunos não leram com o livro em mãos, ou seja, a vontade dela era pelo poema, reler o poema, ler de outra forma, ler para outrem.

**Rayane:** Professora, pode ficar com texto para mim?

**P. P.:** Sim!

(Fonte: 8ª sessão – texto O relógio. Anexo L)

Quando questionada na entrevista final sobre qual foi o texto de que mais gostou, a resposta da aluna seguiu na mesma perspectiva, como podemos observar:

**P.P.:** Qual texto poético foi lido durante a pesquisa de que você mais gostou?

**Rayane:** Eu gostei do Relógio.

**P.P.:** Por quê?

**Rayane:** Porque fala tic-tac. Ai tia, eu não sei, não.

(Fonte: Entrevista. Anexo I)

É relevante retomar o discurso dessa aluna na primeira entrevista, anterior a implementação das sessões, em que afirma que não costuma ler. Na resposta à entrevista, fica claro que como muitas outras crianças, essa garota não é leitora, sendo o ato de ler restrito apenas às atividades “solicitadas” pela escola.

**P.P.:** Quem costuma ler para você? Com que frequência?

**Rayane:** Não. Eu leio só quando manda dever de casa.

(Fonte: Entrevista. Anexo H)

Embora não tenha expressado de forma enfática na entrevista final, podemos perceber que a aluna ficou marcada pela construção onomatopéia “tic-tac”, assim como, muitos outros alunos. Na entrevista final, a discente mencionou o nome de dois livros, porém na primeira entrevista não lembrava de nenhum. Pela prosódia e pela própria proposta do texto, em trazer o movimento do relógio expresso pela onomatopéia tic-tac, ela se envolveu e sentiu interesse em fazer a leitura novamente; em tomar o texto para si. Consideramos que a necessidade de reler um texto nos indica que adentramos no caminho da leitura, pois somente o prazer pelo texto nos leva a essa atitude. A respeito, Pound (1997, p. 33) afirma a “Literatura é novidade que permanece novidade”, o autor ainda discute que só a verdadeira literatura pode ser relida várias vezes sem exaustão, pois sempre haverá algo de novo ou inusitado a ser descoberto. O leitor muda e seu olhar também.

Para explicar essa identificação com a poesia, amparamo-nos na compreensão de Paz (1976, *tradução nossa*) que considera a poesia como “círculo”, ela é “uma totalidade encerrada dentro de si mesma”. Na mesma perspectiva, Bosi (2000) defende que a figura que mais se assemelha ao poema é o “ciclo” ou a “onda”, dessa forma, compara-o com a natureza

e a própria vida, ambas em constante rotação, como um círculo. Assim, subentende-se que a poesia mantém relação com o ritmo da vida.

Essa circularidade, presente na poesia, se dá pelo jogo simbólico proporcionado pelo gênero; nela a palavra é para o poeta, como a tinta para o pintor, enquanto este tenta criar novas cores, aquele brinca com as palavras, misturando-as, modificando-as, mudando seus sentidos e significados, dando conotações outrora não imaginadas (TAVARES, 2007). Podemos considerar a poesia infantil como

uma brincadeira com vários sentidos das palavras, o trocadilho, a ação dinâmica das palavras em movimento, a simbologia das palavras, das imagens poéticas, das metáforas e outras figuras de linguagem. A poesia procura dizer o que já foi dito em uma linguagem sempre nova imprevisível. (JOSÉ, 2003, p. 85)

O poema *O relógio*, em discussão, é bastante rítmico, inicialmente, pelo repetição da onomatopéia: “tic-tac”, que proporcionam além da sonoridade uma grande brincadeira. Devido à força presente nos fonemas das palavras “tic” e “tac”, enquanto, o /i/ é fechado o /a/ é aberto. Essa dissonância é que dá força à ideia de movimento dos ponteiros do relógio contida na onomatopéia. Outra característica que marca a oscilação no poema são as construções contrárias, como, “bem depressa”/ “não demora”, “dia e noite”/ “noite e dia” características que sustentam ainda mais a sensação de movimento.

Essa forte característica sonora do poema é muito antiga, de acordo com José (2003, p. 26)

A poesia literária quer se aproximar da música, por isso os poetas usam rimas e sons próximos, permitindo até que o poema seja cantado. No passado, os poemas eram cantados, acompanhados de um instrumento chamado lira, por isso se chama poesia lírica esse tipo de poesia (JOSÉ, 2003, p. 26).

Utilizamos dois poemas que tiveram sua extensão na música, Um Garoto Chamado Rorbeto e O relógio, ambos musicados.

Ainda sobre a identificação deles, a resposta dos alunos era recorrente, todos reafirmavam o gosto pelo sonoro presente no poema.

**P. P.:** Quem gostou do poema?

[...]

**P. P.:** Por quê?

**Micarla:** Ele tem muita rima e é engraçado.

**P. P.:** E você, Vitor?

**Vitor:** Por causa do “tic-tac”.

**Rompalon:** É rimando, é pequeno e é “tic-tac, tic-tac, tic-tac”.

(Fonte: 8ª sessão – texto O relógio. Anexo L)

Podemos observar a insistência em Rompalon na onomatopéia. Consonante com a discussão Paixão afirma:

A pulsação das palavras deriva assim da pulsação observada nas coisas. E o animal poético é quem permeia essa distância. Para ele, quando escreve colocando em jogo seus valores mais essenciais, vale dizer que a poesia é uma certa maneira de respirar o mundo e recriar seu ritmo impulsionado pela intuição e o desejo.

(PAIXÃO, 1991, p 60)

Esse poema os marcou profundamente, dias depois nos encontramos para realizar a entrevista final, quando perguntávamos qual texto os alunos mais tinham gostado era recorrente que eles repetissem o “tic-tac”, da mesma forma que lemos durante a sessão. Concluímos que o aluno sentiu o efeito estético (ISER, 1196, p. 15) do texto, já que a relação estética é suscitada pela tríade - texto, leitor e sua interação – pois requer que o leitor faça sua leitura pessoal e intransferível.

A poesia foi moldando esses leitores, que já desejavam ler fora dos “muros da escola” foram sendo criados novos leitores. A maior parte dos alunos não somente passou a interessar-se mais pela poesia, bem como, pela literatura em geral. Durante as sessões mesmo, já foi possível reconhecer esse potencialidade.

**P.P.:** Você gostava de falar durante as sessões de leitura?

**A1:** Eu tentava, mas você perguntava. Quando você não lia, eu saía na frente para ler.

(Fonte: Entrevista. Anexo I)

Podemos perceber a influencia que as sessões causaram nesse aluno. O desejo de chegar à concretização das hipóteses foi tão grande que ele tentava fazer a leitura antes mesmo que a mediadora, tal era o envolvimento entre texto e leitor.

Outra característica perceptível, foi que a turma sentia a imensa necessidade dela mesma ler o poema, mesmo que a leitura já tivesse sido feita.

**P. P.:** Vamos ler o texto que eu separei para hoje. Vamos fazer seguinte, eu vou ler o texto todinho e vocês vão acompanhar.

**Vitor:** Esse aqui? (mostrando o livro)

**Mateus:** Deixa eu ler professora!?

**Zaqueu:** Eu leio até aqui (mostrando uma parte do livro)

**P. P.:** Vamos ler esse texto, depois a gente lê junto, está certo!?

(Fonte: 1ª sessão – texto Lia. Anexo L)

Às vezes, tornava-se difícil controlar o desejo de leitura de Mateus, ele insistia em participar. Em outra sessão, quando perguntado com era a borboleta do poema O sapo enfeitado, ele insistia para reler o poema, que acabara de ser lido.

**Micarla:** Amarela era a mais miúda e a mais bela (declamando o poema para dar sua resposta à pergunta relizada). Porque ele é muito romântico.

**Mateus:** Professora, deixa eu ler uma parte?  
(Fonte: 4ª sessão – texto O sapo enfeitado. Anexo L)

Percebemos que as contribuições da poesia na primeira sessão, essa já causou impacto em alguns alunos. Após a sessão mencionada, o discente, já demonstrou interesse pela literatura, inicialmente pelo autor, conseqüentemente, pela leitura. Algo no texto o fez se identificar.

**P.P.:** Você já havia vindo à biblioteca antes?

**Guilherme D:** Sim.

**P.P.:** Durante a pesquisa leu algum texto com poesia? Qual?

**Guilherme D.:** Sim. Lá na biblioteca onde eu faço, tem bocado de livro igual aqui.

**P.P.:** Você lembra algo que você leu?

**Guilherme D:** Aquele livro de André Neves (*sic*) que eu mostrei, como era o nome mesmo?

**P.P.:** O capitão e a Sereia, do André Neves?

**Guilherme D:** Ah, é Neves o nome dele, né!? Li também um livro sobre dinossauro.

(Fonte: Entrevista. Anexo I)

O livro *Um garoto Chamado Rorbeto*, do autor Gabriel O Pensador, faz um relato em versos de como um garoto pobre do campo supera forma de irreverente o fato de ser diferente de seus colegas de sala de aula. O ambiente predominante é a escola. Toda a construção do texto é feita com um poema narrativo, com trocadilhos e rimas que esbanjam musicalidade.

O texto se inicia com a reformulação do tradicional “Era uma vez” dos contos de fadas, possivelmente, tentando uma aproximação entre o tradicional início dos conto de fadas e o livro, trazendo ao texto uma nova roupagem.

Veza uma era...  
Quer dizer:  
Uma era vez...  
Ou melhor:  
Veza era uma...  
Desculpem:  
Era uma vez...  
(Agora sim!) (2005, p. 06-07)

Um dos alunos sobre esse início do texto, posiciona-se da seguinte forma:

**Martones:** Gostei do início.

**P. P.:** Por quê?

**Martones:** Ele ficou trocando com as palavras.

(Fonte: 4ª sessão – Um Garoto Chamado Rorbeto. Anexo L)

A brincadeira que o autor fez com as palavras já chamou atenção do aluno. A musicalidade, o ritmo presente na poesia foi constantemente perceptível aos alunos, que se sentiram atraídos por essa característica.

**P. P.:** Alguém gostaria de falar por que gostou do livro?

**Micarla:** Porque é como se ele fosse algumas poesias.

(Fonte: 4ª sessão – Um Garoto Chamado Rorbeto. Anexo L)

E mais uma vez, os sujeitos demonstram estar atraídos pelo texto e desejam lê-lo. Revelando, assim, que o ritmo da poesia os levou a se envolverem com o texto, reforçando a formação do leitor, como podemos ver na transcrição abaixo.

**P. P.:** Por que essa foi a parte de que você mais gostou?

**Mateus:** Eu posso ler? Porque tem os cadernos, lápis a caneta. ((mostrando a página 33))

(Fonte: 4ª sessão – Um Garoto Chamado Rorbeto. Anexo L)

Esse mesmo aluno, que nas primeiras sessões, não se interessava pelo texto literário, agora procura até mesmo livros na área.

**P.P.:** Durante a pesquisa leu algum texto com poesia?

**Mateus:** Sim.

**P.P.:** O quê?

**Mateus:** Ah, como é o nome? Cantigas, Cirandas e Cantigas.

**P.P.:** De que fala esse livro?

**Mateus:** É (sic) músicas, tem adivinhações. A pessoa tem que ler. Tem uns negocio aí.

(Fonte: 4ª sessão – Um Garoto Chamado Rorbeto. Anexo L)

Procuramos o livro na biblioteca e seu subtítulo, que nos afirma o interesse pela ritmo do texto: parlendas-quadras, quadras-advinhas. Adivinhações e parlendas que podemos considerar, na maioria das vezes, como poesia. Assim Debus (2006, p. 52), classificou-as:

Outra manifestação poética utilizada com frequência (*sic*) pelo adulto encontra-se nas parlendas, conjunto de versos rítmicos que podem rimar ou não, criados ao longo de um jogo ou brincadeira.

Assim como há poesia nas cantigas de roda, as parlendas e adivinhas são consideradas por diversos autores como poesia. Portanto, as sessões de leitura demonstraram que o ritmo foi fator determinante no desenvolvimento do interesse dos aprendizes pela literatura a forma de poemas.

A primeira descoberta que a pesquisa revelou foi que os alunos sentem-se atraídos pela poesia sim, principalmente, pela sua construção diferenciada. Pela nossa experiência relatada no início, essa não foi uma constante nas salas do ensino médio por que passamos. Como era previsto, os alunos do ensino médio não se envolviam pela poesia, provavelmente, porque ao longo de sua vida educacional esse prazer não foi fomentado e, conseqüentemente não desenvolvido, essa era a angústia na gênese da nossa dissertação, que fomentou nossa pesquisa. O indivíduo é construído, principalmente, pelas relações que teve com o mundo,

pela vivência na família e/ou pelo aprendizado na escola, então, possivelmente, quanto mais cedo o contato com a poesia, mais interesse eles terão pela literatura.

Entendemos que essa pesquisa não tinha por propósito formar leitores, pois acreditamos que essa formação deve ser contínua e interrompida, um leitor nunca está efetivamente formado (pronto), mas sim, em constante formação, porque a cada leitura ele se aprimora, desconstrói-se, constrói-se e se reconstrói. E esse envolvimento com a literatura acontece paralelamente à nossa relação com o mundo, bem como, vice-versa, a literatura nos faz ter outro olhar para a vida.

O ritmo presente na poesia impulsionou e despertou os indivíduos para o texto. Provavelmente, pela identificação com a brincadeira da infância. Atraídos pelo ritmo chegaram ao texto, envolveram-se e emocionaram-se. Essa característica da poesia pode ser uma forma de atrair os alunos para o texto poético. E com base nisso, explorar outras dimensões do texto poético. Os discentes se identificaram com a poesia, principalmente no ritmo e na melodia que, por vezes, foi proporcionado.

O trabalho com o texto poético demonstrou que a poesia pode suscitar a sensibilidade, bem como, confirmamos que essa particularidade pode ser ensinada e também aprendida. A poesia, como arte, em seu principal papel, desenvolve a percepção sensível do homem.

A poesia enquanto literatura, também, causa exteriorização dos anseios humanos, pela ficção. Na coleta de dados, percebemos a identificação das crianças pelos textos das sessões. Tentando sanar seus próprios anseios e necessidades do real.

Ressaltamos o suporte teórico da andaimagem que nos subsidiou no planejamento e execução das sessões, pois nos deu suporte para atrair as crianças de forma mais eficiente. Essa metodologia fomentou a discussão sobre literatura.

De acordo com as entrevistas realizadas, os alunos são oriundos de pais não leitores, irmãos não leitores, dessa forma, seu único espelho é o seu professor. São esses profissionais que deverão acender a chama da poesia adormecida em cada indivíduo. Como também discutimos, o próprio homem é um ser poético. Educador que incentiva a leitura, mas não se envolve em sua execução, não ensina a ser leitor, docentes ensinam mais pelo exemplo que pelo discurso.

Nessa perspectiva da presença da poesia na sala de aula, podemos reconhecer o papel relevante do mediador. Isso foi constante na fala das crianças, constatando a importância desse indivíduo, pois ele foi provedor da discussão sobre a poesia; durante as entrevistas, os

alunos foram enfáticos em reafirmar o que já prevíamos, a importância de ações planejadas e coesas no âmbito educacional.

Com base nessas constatações, sugere-se uma proposta pedagógica que insira, no cotidiano escolar, a diversidade de gêneros, de forma a tornar ampla e significativa a formação leitora desses sujeitos. O trabalho com a literatura requer preparo para uma prática pedagógica eficiente, pois há diversos fatores na leitura que devem ser levados em consideração para, conseqüentemente, proporcionar o prazer pelo texto, dentre eles, a escolha do texto, a prosódia plausível, o ambiente, a paisagem sonora, o momento e, principalmente, o preparo do mediador. Constata-se que essa dedicação com o texto literário, por diversas vezes, não ocorre. No próprio discurso infantil pode-se perceber que essas consideram primordial uma boa mediação. Quando o aluno afirma que o que mais lhe chama a atenção é “o jeito que a pessoa conta”, ou seja, esse compreende que é importante que haja um olhar especial para a prosódia. Dessa forma, muitos docentes resumem o uso da literatura a simplesmente responder enfadonhos questionários sistemáticos; esse uso da literatura mais distancia que aproxima o leitor da literatura.

Destarte, para satisfação na leitura do poema se faz necessária a leitura proficiente, que o mediador reconheça as possíveis prosódias e possibilidades do texto poético. Essas capacidades são suscitadas pela maturidade leitora, assim, o docente precisa ter a compreensão do que o poema pode suscitar. Para tanto, é imprescindível que os mediadores de leitura conheçam a literatura, não somente em seu caráter histórico e estrutural, mas, principalmente, suas potencialidades e contribuições à formação linguística, cognitiva, social e humana dos discentes.

No contexto escolar, o trabalho desenvolvido com a literatura pode tornar real uma prática de leitura voltada para a formação leitora. Porém, essa visão ainda é embrionária por parte dos professores e dos demais participantes do processo educativo na escola, diante da especificidade e complexidade do processo de ensino-aprendizagem. As aulas de leitura que desconsideram a relevância da literatura, e, dessa forma, usam-na apenas com “didatismo”, podem não proporcionar prazer, e podem até mesmo comprometer a relação dos alunos com a literatura, ocasionando, em indivíduos em processo de formação leitora, aversão pelo texto literário. Nesse caso, ocasionam, como consequência, adolescentes e adultos que não conseguem sentir, nem gostar de poesia. O que é uma grande perda para a construção do humano, já que a poesia tem um conjunto de características únicas que só cabem a esse gênero. Sendo a literatura rica em possibilidades de desenvolvimento e pela relação com o

imaginário infantil, deve-se vê-la como mobilizadora pelo prazer em ler, além das aprendizagens que podem ser proporcionadas.

Após nos depararmos com tantos teóricos que argumentam sobre as possibilidades da poesia e relação com a criança, em termos práticos, encontramos dados suficientes, tanto qualitativos quanto quantitativos que a poesia deve ser literatura presente em sala de aula, principalmente no início da vida estudantil.

Assim como Cândido (2012) faz uma defesa pelo direito à literatura, aqui, discutimos e defendemos o direito à poesia, o direito de sentir poesia, por que não?!

## REFERÊNCIAS

- ALVES, José Hélder Pinheiro. Poesia para jovens leitores. In: **Presente! Revista de educação** – ano 13, nº 51, Salvador, dez 2005. p. 32-39.
- AVERBUCK, L. M. A poesia e a escola. In: ZILBERMAN, R. (Org.) **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 11. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BOSI, A. **O ser e o tempo na poesia**. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BORDINI, M. da G. **Poesia infantil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- BURLAMAQUE, F. V. Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor. In: TURCHI, M. Z.; SILVA, V. M. T. (Org.). **Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão**. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 79 - 91.
- DEBUS, Eliane. **Festaria de Brincança: a leitura literária na educação infantil** 2006. São Paulo: Paulus (Coleção pedagogia e educação)
- JOSÉ, Elias. **A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia às escolas**. Ilustrações: Ana Elisa Leite Ribeiro. São Paulo: Paulus, 2003. (Pedagogia e Educação)
- PAIXÃO, F. **O que é poesia**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PAZ, O. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PONDÉ, G. M. F. Poesia para crianças: a mágica da infância. In: ZILBERMAN, R. (Org.) **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 11. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- POUND, E. **Abc da Literatura**. 3. ed. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1997.

TAVARES, D. S. S. **Da leitura da poesia à poesia da leitura:** a contribuição da poesia para o Ensino Médio. 300f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.